



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO**

DANIEL AMARAL DE SOUSA DE SANTANA

**TRAVESSIA ARTÍSTICO PEDAGÓGICA: MEMORIAL DESCRITIVO
SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA PERSONAGEM PROFESSORA E
DRAG QUEEN**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Teatro
da Universidade Federal de Sergipe para
obtenção do grau de Licenciado em
Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Olívia Camboim
Romano.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2024**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Olívia Camboim Romano (Orientadora)
Departamento de Teatro (UFS)

Profa. Dra. Márcia Cristina Baltazar
Departamento de Teatro (UFS)

Profa. Dra. Maicyra Teles Leão e Silva
Departamento de Teatro (UFS)

Aprovado em:
22/10/2024

São Cristóvão/ SE
2024

Dedico este trabalho a todos os professores de Artes

AGRADECIMENTOS

Aos Deuses e Deusas por me permitirem chegar até aqui com força, saúde e sabedoria.

A minha mãe que me apoiou desde o primeiro momento que decidi encarar essa jornada.

Mãe, te amo!

A minha orientadora, Profa. Dra. Olívia Camboim Romano. Que acreditou no meu trabalho e foi luz nessa caminhada. Gratidão!

Ao professor Marcelo Brazil pela força e parceria no processo de criação e apresentação do meu trabalho final do curso.

Aos meus professores e professoras do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe.

Ao meu eterno amigo de infância Rodrigo Silva, que não se faz mais presente neste plano, mas que juntos começamos essa jornada no teatro quando ainda éramos crianças.

Aos meus colegas Marcos Vinícius e Sane Amor por terem embarcado comigo neste momento tão importante que foi a realização do trabalho final do curso.

Às colegas Amanda Pinto e Nicolý Brasil por me ajudarem na construção da maquiagem e possibilitarem uma luz no que diz respeito a caracterização e produção da personagem.

RESUMO

Este trabalho consiste em um memorial descritivo sobre o processo de criação do experimento cênico *Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por arte*, de minha autoria, sob direção de Olívia Camboim, estreado durante a IX Mostra Trapiche do Departamento de Teatro, no dia 09 de outubro de 2024, no auditório da Didática V da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Este TCC, resgata o processo de vivência pessoal no teatro e através dessa busca, construir uma personagem drag queen que dialoga com as principais referências e experiências que tive desde a minha infância até a chegada na Universidade, lugar onde encontrei inúmeras inquietações quando os assuntos foram o lugar de professor-artista dentro do contexto escolar. Diante de algumas questões governamentais e de pensamentos de uma gestão de direita, me vi por vezes questionando sobre a preparação da escola para lidar com um professor-artista, e as imposições sobre o que é ou não uma aula de Arte.

Palavras-chave: atuação, experimento cênico, professora drag queen

ABSTRACT

This work consists of a descriptive memorial about the process of creating the scenic experiment *Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por arte*, by me, under the direction of Olívia Camboim, premiered during the IX Mostra Trápiche of the Department of Theater, on October 9, 2024, in the auditorium of Didactics V of the Federal University of Sergipe (UFS). This TCC rescues the process of personal experience in theater and, through this search, builds a drag queen character that dialogues with the main references and experiences I had from my childhood until arriving at the University, a place where I encountered countless concerns when the subjects were the place of teacher-artist within the school context. Faced with some governmental issues and the thoughts of a right-wing administration, I sometimes found myself questioning the school's preparation to deal with a teacher-artist, and the impositions on what is or is not an Art class.

Keywords: acting, stage experiment, drag queen teacher.

Lista de ilustrações

Figura 1 - Ensaio de <i>Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por arte</i>	20
Figura 2 - Ensaio Aberto	21
Figura 3 -Ensaio no Auditório da Didática V	22
Figura 4 – Foto da estreia	22
Figura 5 - Desenho do cenário	32
Figura 6 - Espaço Cênico	35
Figura 7 – Primeiro teste de maquiagem	35
Figura 8 - Croqui de maquiagem	36
Figura 9 - Círculo cromático	36
Figura 10 – Foto da peruca da personagem	37
Figura 11 - Segundo teste de maquiagem	37
Figura 12 - Croqui do figurino.....	39
Figura 13 - Cartaz	40

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	09
2.	INTRODUÇÃO	11
3.	MEMÓRIAS NÃO SÃO SÓ MEMÓRIAS	12
3.1	OS ENSAIOS.....	19
4.	A CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA	23
4.1	Texto <i>Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por arte</i>	26
5.	CENOGRAFIA	32
5.1	MAQUIAGEM E CARACTERIZAÇÃO	33
5.2	FIGURINO.....	37
5.3	ASPECTOS VISUAIS E SONOROS	41
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
7.	REFERÊNCIAS	45

1. APRESENTAÇÃO

Desde muito pequeno, ainda no Ensino Fundamental, comecei a participar de atividades artísticas. No fazer teatral encontrei um lugar de possibilidades e vivências e foi através da disciplina de Língua Portuguesa que encontrei algumas possibilidades de experimentar o teatro como forma de abordar conteúdos diversos ou de encenar peças presentes nos livros. Nesta fase, participei de muitos grupos de teatro, tanto no âmbito educacional, quanto fora dele. Lembro-me com muito carinho de um grupo de teatro no qual fazíamos apresentações em colégios. Essas apresentações eram organizadas por uma professora chamada Sandra, quem ficava à frente dos convites que as outras escolas faziam para a realização das peças que montávamos. Neste mesmo grupo, tive a ideia de trazer músicas da Xuxa Meneghel, de quem eu era muito fã, e, inclusive, continuo sendo até hoje. Desde então, nunca mais deixei de ser uma bichinha da Xuxa.

Ser uma “criança viada”¹, me afastou de várias atividades ditas “masculinas” dentro do contexto escolar, e meu grupo de dança da Xuxa era composto apenas por meninas, sendo eu o único menino que fazia aquelas atividades dentro da disciplina de Educação Física. Lembro-me que os meninos da escola me chamavam de Xuxa, e isso soava como uma agressividade para mim, que, às vezes, voltava para casa chorando, como se aquilo fosse uma ofensa (hoje seria um elogio me chamar pelo nome da rainha Suprema).

Ainda na infância, eu tinha um desejo imenso de ser professor, e entendo que essa vontade começou por influência do meu pai que exercia o magistério e me levava para a escola para observar as aulas dele. Logo tive meu primeiro quadro de giz verde e amava colecionar giz coloridos que eu pedia aos meus professores que na maioria das vezes questionavam o porquê de tantos giz. Lembro-me também que o meu maior sonho era ter um diário de classe e vivia na diretoria implorando para alguém me dar um diário de verdade para que eu pudesse fazer a chamada da minha “escolinha”, e foi frustrante nunca ter tido o tão sonhado diário de classe.

Assim, já na minha infância, eu falava que queria ser professor de teatro quando crescesse e meus colegas sempre zombavam de mim, dizendo que na cidade que eu morava era impossível ser professor de teatro e que eu precisava ir para cidade grande, porque lá naquela

¹ Segundo Icaro Machado Ribeiro, O termo criança viada é um termo informal para distinguir comportamentos de crianças tidas como afeminadas, que embora fosse um termo pejorativo e homofóbico, a comunidade gay ressignificou o termo como forma de resistência (2018).

cidade situada no nordeste da Bahia, em um município “escondido” Fátima Bahia², eu nunca teria essa oportunidade. Foi através dessas inquietações que me fizeram decidir seguir esse sonho, ora possível ora impossível de acontecer.

Em 2017, fui aprovado no curso de Teatro na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e mesmo estudando Educação Física em outra Universidade na Bahia, não pensei duas vezes e vim atrás desse sonho de ser um professor de teatro. Durante o curso de Teatro da UFS, como estudante, tive incertezas sobre o meu futuro profissional a partir de reflexões sobre os diversos problemas enfrentados pelos professores de Arte na Educação Básica, como a falta de espaço e carência de infraestrutura adequada para as aulas. Além disso, me rondou o “fantasma” do “novo Ensino Médio”³, voltado para a preparação dos alunos para o mercado de trabalho, que eliminaria a disciplina Arte como uma componente curricular obrigatória.

Paralelamente as incertezas mencionadas acima, comecei a fazer pesquisas sobre a atuação profissional no *Youtube*⁴ e conheci o Professor Guilherme Terreri que é formado em Artes Cênicas pela Universidade do Rio de Janeiro (Unirio), em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e se monta de drag queen⁵ no seu canal no *Youtube*. A partir da persona Rita Von Hunty⁶, Terreri posta seus vídeos no canal chamado *Tempero Drag*⁷. Os vídeos deste canal me motivaram a repensar o lugar de um professor-artista. Assim, comecei a pesquisar sobre o universo das drags queens e percebi que o imaginário social costumava pensar essas personas dentro de boates voltadas para a comunidade LGBTQIAPN+⁸, da qual faço parte e pensei: *Mas, se uma drag queen é uma expressão artística de gênero, porque essas personas não estão também dentro da sala de aula como fomentadora da educação?* Essa imagem de uma persona drag entrando numa sala de aula enquanto professor-artista me levou a embarcar no experimento cênico que chamei de *Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por arte*.

² Segundo dados do Wikipédia: “Fátima é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população estimada em 2022 era de 17.896 habitantes. Fica situada no agreste baiano, região de transição da zona da mata para o sertão” (Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tima_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tima_(Bahia))>. Acesso em: 17/10/2024).

³ Segundo o Ministério da Educação, “O Novo Ensino Médio permitirá que o jovem opte por uma formação profissional e técnica dentro da carga horária do ensino médio regular.” (BRASIL, 2018).

⁴ Segundo SOUZA, “YouTube é uma plataforma de vídeos online. Por meio dela, usuários podem assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet. (Souza, 2024)

⁵ Para o site Claudia: “De maneira resumida, uma drag queen é uma espécie de persona, criada por uma pessoa que se veste de uma maneira dramática, com um toque de exagero, muitas vezes exibindo características femininas, como maquiagens bem elaboradas e perucas, por exemplo”. (Claudia, 2024)

⁶ Segundo o site Terra, “Rita Von Hunty é uma personagem drag queen, uma criação do artista, professor e youtuber Guilherme Terreri Pereira.” (Terra, 2024)

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag>. Acesso em: 14 out. 2024.

⁸ Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/ Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais.

2. INTRODUÇÃO

Este memorial descritivo relata o processo de construção do experimento cênico *Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por arte*, sob direção de Olívia Camboim, com uma personagem professora e drag queen. Tanto a dramaturgia como a atuação foram executadas por mim. O trabalho foi apresentado no dia 09 de outubro de 2024, no auditório da didática V dentro da Universidade Federal de Sergipe, durante a programação da IX Mostra Trapiche do Departamento de Teatro.

O processo de criação foi muito pessoal e tomei como referência minhas memórias e meus ídolos, por exemplo. “Atravessar com o que restou”, como diz o título do trabalho, é sobre seguir a jornada de um professor, acreditando na arte como necessária na formação dos alunos. “O silêncio ecoa por arte”, entendo como uma forma poética de falar sobre o meu “Eu” que por muito tempo foi silenciado no fazer artístico, sendo podado, muitas vezes, de brincar com o que era considerado “brincadeira de meninas”. Assim, esse “Eu” que se torna professor e tenta resgatar esse silêncio e transformar em arte no processo de criação de uma personagem drag queen. Inicialmente, eu pensei em convidar algum conhecido que já estava no universo das drag queens para ele participar de um experimento em que ele/ela assumiria esse papel de uma persona entrando numa sala de aula convencional a fim de causar uma espécie de “estranhamento” dentro do contexto educativo e, assim, refletir sobre a recepção dos estudantes frente a uma persona drag que assume o papel de uma professora. Mas, quando apresentei essa proposta para a professora Olívia Camboim, ela, como minha orientadora, lançou a ideia de eu me vestir dessa persona drag, ou seja, criar essa personagem e experimentar uma cena nesse lugar. Eu aceitei a ideia dela imediatamente e comecei a trazer as questões e temas que queria abordar dentro da construção da dramaturgia.

Este Trabalho de Conclusão de Curso, além da apresentação e da introdução, conta com três capítulos. No primeiro capítulo, trato da construção da minha persona drag queen, buscando através de memórias, as principais referências de artistas femininas que me motivaram a criação da personagem; além disso, conta sobre o processo de elaboração do experimento cênico em questão durante os ensaios. No segundo capítulo, relato a construção da dramaturgia e logo em seguida apresento o roteiro teatral construído. No terceiro e último capítulo, apresento as idealizações relativas à cenografia, em que apresento os aspectos relativos ao espaço cênico, trazendo desde as ideias iniciais até as modificações que foram surgindo no processo da elaboração do cenário teatral; assim como, exponho a concepção da maquiagem e da caracterização e do figurino. Por fim, faço minhas considerações finais e apresento as referências utilizadas.

3. MEMÓRIAS NÃO SÃO SÓ MEMÓRIAS

Para entender melhor sobre a construção da personagem, que, antes mesmo de escrever a dramaturgia, já estava pré-definida; isto é, seria uma personagem professora e drag Queen, que no início deste trabalho tinha como referência o “drama como método de ensino”, pensando a persona drag queen como o professor-artista dentro da mediação do processo entre ator/professor e a imersão dos alunos neste processo coletivo de aprendizagem. Beatriz Cabral (Biange) diz que:

A figura do professor-personagem como uma forma de avaliar o conhecimento e envolvimento adquiridos até então e sugerir aspectos a serem envolvidos posteriormente. Ele interage com os alunos em contextos diversos, utilizando diferentes códigos linguísticos para desafiar posturas, ações e atitudes. (2006, p.19).

Somado a isso, inicialmente, foi pensado em criar essa cena, com um pré-texto definido e experimentar junto aos espectadores que seriam os “alunos” para que eles/elas experimentassem o drama como método de ensino com algum tema que essa professora trouxesse para aqueles alunos/espectadores e ao final verificar se os conteúdos foram absorvidos junto aos mesmos. Segundo Biange, “O pré-texto é o roteiro, história ou texto que fornecerá o ponto de partida para iniciar o processo dramático, e que irá funcionar como pano de fundo para orientar a seleção e identificação das atividades e situação exploradas cenicamente (Cabral, 2006, p.15).” Com isso podemos perceber que com “o drama como método de ensino”, que a autora propõe somar os conteúdos de forma interdisciplinar na escola, através de um pré-texto, podemos ter uma via significativa enquanto professores das mais variadas áreas do conhecimento, tendo assim um processo de junção do drama com os conteúdos pedagógicos que um professor artista, que previamente precisa ter o domínio da técnica de Cabral, para então assumir o processo de um professor-personagem.

No decorrer da construção da dramaturgia, levando em consideração as inquietações acerca do papel e do lugar que essas personas drag queens estão inseridas, surgiu a possibilidade de criar uma cena dentro do contexto escolar, sobre o qual a personagem professora e drag queen é a protagonista e lida com obstáculos que questionam a arte e o papel da professora dentro do âmbito educacional.

Pensar a expressão artística de gênero, nos provoca pensar a performance desse corpo frente às características miméticas de cada gênero, e levando em consideração que faz parte uma performance, mesmo que muito comum dentro da comunidade LGBTQIA+, podemos

perceber que não necessariamente somente homens gays fazem a performance drag, por mais que estejam familiarizados com as características da feminilidade como um lugar de referência, como é um meu caso que utilizo a Xuxa como principal referência dessa expressão artística, que inclusive pessoas heterossexuais podem utilizar desse lugar enquanto artista para performar uma drag queen. É necessário descrever algumas compreensões a respeito do fazer drag para então se conseguir considerar tal prática enquanto um atravessamento de uma população minoritária. Para Butler (2003), no que diz respeito ao fazer drag enquanto uma ação que exhibe a estrutura mimética do gênero.

Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada (BUTLER, 2003, p. 196)

Compreende-se drag como uma prática performática de arte que vai além de gêneros, sexualidades ou sexos, mas que recria figuras e formas em seu corpo, como se consegue ver em vários movimentos que têm acontecido. Neste sentido, partindo da ideia de construir essa drag queen, fui em busca de um processo cada vez mais pessoal, e junto a professora orientadora Olívia Camboim, decidimos fazer um Memorial Descritivo sobre a construção dessa personagem professora e drag queen. Confesso que, inicialmente, aceitei essa proposta de experimentar esse experimento cênico pensando em outra pessoa que a representasse; inclusive, avalei a possibilidade de realizar uma espécie de “Chá Drag” em que eu convidaria alguns colegas para experimentar chegar em uma sala de aula “convencional” dentro da própria UFS, a fim de analisar a reação das pessoas quando um persona drag chega na sala de aula e diz que será a professora naquele dia. Pensar o professor artista, me abre um leque de possibilidades na sala de aula, desde o experimento com as mais variadas linguagens artísticas, até o experimento com uma professora drag queen. Neste sentido queria também questionar os alunos sobre o que eles pensam quando olham uma drag e onde eles esperam encontrar pessoas assim; partindo da hipótese que a maioria diria que espera encontrar drags apenas em boates e/ou em casas noturnas. Contudo, no decorrer desse processo a minha professora orientadora me perguntou: *Daniel, por que você não aproveita essa oportunidade para criar a sua drag queen?* Essa pergunta me trouxe a possibilidade de eu mesmo criar essa Drag e trazer esse processo criativo como Memorial Descritivo.

Apesar de eu ter aceitado essa ideia, tive receio, porque, por mais que seja um amante

da arte drag, nunca pensei em me montar, em performar neste lugar. Pensei na impossibilidade do meu corpo, visto que saltos, roupas e até maquiagens eram, na minha concepção, um universo muito distante e que eu não conseguiria alcançar. Falar do meu corpo enquanto lugar de possibilidade para a performance drag me provocou inúmeros “gatilhos”, pensando que eu teria dificuldade para encontrar um salto do tamanho 44 e isso me travava de uma forma que eu também não conseguia imaginar que mesmo encontrando esse sapato, devido à minha altura de 1,88m, não seria “legal” ter uma drag queen tão alta. Esse “gatilho” da altura me remeteu à época da escola, em que minhas amigas compravam saltos e eu queria calçá-los, mas nunca cabiam nos meus pés e isso me deixava muito triste e ao ouvir comentários como *Se você fosse mulher com essa altura e esses pés iria sofrer muito*. Então, essa foi a primeira impossibilidade de pensar em dizer não, mas eu estava muito tentado em aceitar o desafio; então, estabeleci que a minha personagem usaria um sapato comum, tipo um *All Star* e comecei a buscar referências de drag queens que não usavam salto alto.

Nesse ponto do processo criativo, a professora Olívia Camboim me passou alguns contatos de pessoas que tinham familiaridade com a arte da performance drag e tive a oportunidade de conhecer por videochamada o catarinense Douglas Leoni, ex-aluno da professora numa Universidade no Vale do Itajaí, em meados dos anos 2000, que, por coincidência tinha a mesma altura que eu. Em uma longa conversa, fomos buscar essa drag que estava “presa” no meu processo de criação. Junto ao Douglas, entendi que a arte drag causa um estranhamento, e na cena teatral não é diferente, levando em consideração esse corpo que provoca dúvidas, desde as características definidas a partir do gênero, que recria e performa diante do que não é naturalizado, até esse corpo que entra em cena através da expressão artística de gênero, criando a atmosfera da performance aliado ao estranhamento dos espectadores.

Para Olívia Camboim, no que diz respeito ao estranhamento brechtiano, por exemplo:

O efeito de estranhamento consiste em captar da personagem, ou de um acontecimento, aquilo que é conhecido, no sentido de habitual, substituindo-o pelo estranhamento, pelo espanto e pela dúvida. Diante dessa situação “distanciada”, em que o ator estabelece um diálogo direto com a plateia, espera-se criticamente diante dos fatos (Romano, 2010, p. 32).

Pensar o estranhamento como um retorno “natural” através da expressão artística de gênero de uma drag queen e sobretudo em um ambiente que não é habitual que essa persona esteja inserida, é também provocar esse estranhamento, seja pela dúvida que norteia esse corpo “estranho”, pelo modo que o ator busca a recriação de ações que compõem essa personagem, até o diálogo que a personagem dentro do seu roteiro possibilita. O autor Brecht define como a

quebra da quarta parede o ato que consiste na abertura de um diálogo direto com o espectador, quebrando o caráter fictício, atingindo aspectos da crítica e possibilitando a participação direta ou indireta do espectador, através de possíveis inquietações geradas pela cena, ou texto teatral. Segundo Romano,

Na investigação sobre a proposta estético-pedagógica brechtiana, pode-se destacar ainda o estabelecimento da comunicação ativa entre o artista e o público, que se concretiza na continuação da ação fora do teatro, no extra teatral. Sendo assim, o fundo educacional dessa proposta pressupõe que, a partir da realização de um autêntico diálogo entre o palco e a plateia, fique ao encargo da recepção complementar a obra - as ações- iniciadas no plano ficcional e, posteriormente, plano da realidade, mudando o curso das suas ações junto a sociedade (Romano, 2010, p.35-36).

Pensando nessa continuação das ações após o evento teatral, podemos perceber que a chegada da drag queen já é uma ação extra teatral. Ela causa o estranhamento no público dentro do espaço cênico e/ou fora dele, ela traz o aspecto da realidade paralelamente ao caráter ficcional da dramaturgia em que está inserida enquanto uma personagem. Por meio desse dessa ideia de estranhamento, como ator, comecei a dar vida para a minha persona drag. Nesse processo, desconstruí algumas ideias pré-concebidas e passei a olhar minha personagem não mais pelo lado das impossibilidades, mas pelas possibilidades que eu tinha ao meu alcance.

Na conversa com o Douglas, mencionada anteriormente, eu já comecei a pensar em cabelo, maquiagem e sapatos que poderiam compor essa persona. Claro que como eu tinha a Rita Von Hunty como principal referência nesta criação e construção de uma drag queen, já tinha em mente alguns aspectos e características.

A construção da personagem teve como principal referência, como dito acima, a professora e drag queen Rita Von Hunty, interpretada pelo ator e professor Guilherme Terreri, e contou com partilhas e trocas de atores transformistas e da cena drag.

O laboratório de pesquisa foi dentro de boates e casas noturnas, em Aracaju Sergipe, voltadas para o público LGBTQIAPN+ que me levaram a questionar o porquê desses artistas drags queens não estarem em outros contextos, como, por exemplo, dentro das escolas. Obter o diagnóstico que a arte da performance drag queen se limita a esses espaços noturnos e tendo como referência a Rita Von Hunty que, além de drag queen, é professora, somados a outras questões pessoais e da vivência acadêmica, me fizeram criar uma dramaturgia que dialogasse com essas referências e, sobretudo, com os lugares que pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ precisam ocupar, e, claro, entendendo que a arte drag não se limita apenas a comunidade; sendo que, outros artistas também possuem uma relação direta ou indireta com a arte da performance

drag.

Segundo Rita Von Hunty para o Canal Carta capital no YouTube:

Ser drag é um movimento artístico em primeiro lugar, uma forma de expressão artística, ou talvez uma linguagem artística. É um ato político, porque drag é sempre um reflexo da nossa vida, da nossa crença, dos nossos valores, e drag encena, ou traz à cena conceitos sobre performance de gênero (2019).

Neste sentido, ao pensar a arte de construir uma drag queen, levando em consideração esse reflexo da vida e das memórias que tive enquanto fã de algumas artistas, como a Xuxa, por exemplo, que acompanhei desde criança, me fizeram também buscar essas referências na construção da personagem professora e drag queen, que batizei com o nome de Professora Iolanda ou Fessora Iôião para os mais próximos. Essa busca pela persona drag foi também uma visita interior, em busca da criança que habita em mim, na alegria podada no ato de brincar com as bonecas e sobretudo a volta do “fazer de conta que sou a Xuxa”. Em relação a essa visita interior para a construção dessa persona, relaciono esse processo ao trabalho de palhaçaria do Clown⁹, que traz o processo de criação através de memórias com a criança interior. Segundo Wuo, em sua tese de doutorado, no que se refere ao processo de construção de um Clown,

O clown, sendo ele mesmo com os defeitos exacerbados, é uma pessoa que, antes de tudo, se conhece intimamente, no mais profundo do seu ser. Essa pessoa tem guardadas e conhece, sem esconder de si mesma, todas as situações pelas quais passou e foi julgada, negada, ridicularizada e aplaudida pela sociedade. Nessas situações, ela consegue sobreviver e transforma aquilo que poderia “trancar” seu corpo tímido e inexpressivo em algo que, ao ser exposto, traz consigo muitas provocações (Wuo, 2016, p. 25).

Neste sentido, antes mesmo de ser uma personagem, a drag é uma persona, levando em consideração as memórias e a busca interior por essa “interpretação” do “brincar” que foi silenciado quando criança, então uma persona é diferente de uma personagem, tendo em vista que a personagem qualquer ator pode interpretar, mas a persona, como o próprio nome já diz, traz consigo um ser único, uma personificação que levam não somente o caráter visual, ou do corpo, mas também as emoções e memórias que esse corpo performa junto a recriação que atinge os aspectos da personagem.

Ao começar a falar sobre drag queen no contexto histórico e suas relações com o mundo atual, primeiro vamos voltar à Grécia antiga, em particular, nos palcos onde as peças teatrais aconteciam. O protagonismo masculino na época era tão grande, que até mesmo para interpretar

⁹ Para Wuo: “Clown traduz-se por palhaço, mas as duas palavras têm origens diferentes. Palhaço vem do italiano e se relaciona, geralmente, à feira e à praça; já o clown refere-se ao palco e ao circo” (Wuo, 2016, p.15-16).

os papéis femininos, os homens assumiam o papel de personagens do gênero feminino e por meio da caracterização artística representavam as mulheres em cena. Assim, se olharmos para o passado, em alguma medida, podemos perceber que a raiz da arte drag estava presente nos teatros da Grécia antiga nessas máscaras de personagens do gênero feminino vestidas por homens em um contexto em que as mulheres não tinham permissão para subir nos palcos dos teatros.

Com a impossibilidade das mulheres estarem no palco encenando, os próprios homens interpretavam essas personagens, e isso tem uma relação direta com a expressão artística de uma drag queen. Arruda em seu artigo, ou seja, seu Trabalho Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, diz que:

Ao longo da história há inúmeras ocorrências onde o ato de se vestir - montar - drag, além de uma colocação artística e política, foi uma necessidade cênica exigida pela moral de certas sociedades de determinadas épocas. Desde a Grécia Antiga até os dias de hoje, homens personalizam a feminilidade de diferentes formas, da mais realista ao burlesco. O ser drag passou por longas mudanças desde então, tanto na sua estética como na sua função (como, por exemplo, a abertura para que a mulher possa também performar drag, especialmente, com o surgimento das drag kings), mas nunca fugindo ao seu objetivo central: a arte do estranhamento (Arruda, 2019, p. 3).

Neste sentido, podemos perceber que a arte drag foi se expandindo e o que era um papel direcionado para os homens na Grécia antiga, devido à restrição das mulheres nas peças teatrais, também ganhou a participação de mulheres dentro dessa arte. As drag kings são uma expressão artística de gênero onde os papéis se invertem e as mulheres performam características e vestimentas consideradas masculinas. Se fizermos um apanhado histórico sobre a arte drag queen no Brasil, iremos perceber que muitas artistas possuem essa relação, como é o caso da artista alemã radicada no Brasil Elke Maravilha (1945- 2016) que exagerava nas maquiagens e roupas, que causaram confusões e estranhamentos por onde passava, e por muitas vezes os questionamentos eram acerca do gênero da artista.

Além da Elke, outras artistas também se expressam através da arte drag, uma delas é a Xuxa Meneghel, que, apesar de deixar subentendido, é nítido que o uso de perucas e maquiagens que exageram a expressão facial, e que tem uma direta relação com a arte drag. Entendendo que o nome da “Xuxa” diz respeito ao nome artístico da cantora, na sua autobiografia, ela nos traz que seu nome seria Morgana Sayonara¹⁰, antes mesmo da família definir que seria “Maria da

¹⁰ Segundo a Xuxa Meneghel, Morgana Sayonara seria seu nome de batismo. Em entrevista para a revista Quem, Xuxa conta que batizou sua persona drag com o nome de Morgana Sayonara no reality show “Caravana das

Graça” o que influenciou na escolha do nome da drag queen da Xuxa, quando em um reality show comandado por ela e o artista Ikaro Kadoshi chamado *Caravana das Drags*¹¹ disponível da plataforma de vídeos online Prime vídeo, a Xuxa não só declarou ser uma drag queen, como também batizou sua drag com o nome de Morgana Sayonara. Em sua Autobiografia lançada no ano de 2020, Meneghel diz:

OLÁ, MEU NOME É MORGANA SAYONARA. Por pouco, muito pouco, eu não começaria este livro assim. Sim, eu quase fui registrada com esse nome... Por vezes, penso se a história da Morgana teria sido diferente da história da Maria da Graça, que sempre foi Xuxa. Mas a graça da vida é justamente esta: cada um tem sua história. (Meneghel, 2020, p. 09)

Com isso, depois da própria artista se consagrar drag queen, tive certeza da sua relação com a arte drag, e levei em consideração essa inspiração na busca de uma drag queen para a minha montagem teatral. Levando em consideração essa vontade silenciada de ser a Xuxa quando eu ainda era criança e sobretudo a referência de uma artista feminina que acompanho a muito tempo e que continuo sendo amante de tudo que a Xuxa Meneghel faz.

Vale lembrar que apesar da comunidade LGBTQIAPN+ ter acolhido a arte drag como uma expressão artística de gênero e representação feminina, a arte drag não se resume a comunidade e muito menos expressa a transição de um gênero, visto que existe uma confusão no imaginário social de achar que a drag queen é uma pessoa transsexual e que a expressão indica a sua identidade de gênero. Dito isso, podemos salientar que a expressão “queer” que vários autores vêm falar sobre, é uma expressão que está ligada a performance de gênero. Louro diz que:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (Louro, 2012, p.8).

Atualmente, temos muitos artistas drag queens, principalmente na música brasileira, como é o caso da drag Pablllo Vittar que ganhou muita notoriedade através das suas músicas,

drags” no prime vídeo, para fazer uma homenagem a sua mãe que queria batizar a artista com o nome de Morgana Sayonara.

¹¹ Reality show de competição que traz drag queens de alguns estados do Brasil para uma competição a fim de escolher a “drag soberana”. O reality é apresentado por Xuxa Meneghel e Ikaro Kadoshi e foi uma produção da Amazon Prime Vídeo.

que contribuíram para que o imaginário social acerca da drag tivesse uma abrangência. Vale lembrar que nos EUA tem um programa de TV chamado *Rupaul Drag Race*¹² que influenciou o surgimento de muitos artistas na performance drag, inclusive no Brasil. Ao fazer um apanhado histórico, encontrei dados que comprovam que a miss Biá, que o artista Eduardo Albarella dava a vida desde 1958 se tornando oficialmente a primeira drag do Brasil, e estava presente nos palcos desde a primeira parada LGBTQIPN+ de São Paulo que hoje é considerada a maior parada da América Latina. Segundo O explorador sobre a Miss Biá, diz que:

O performer, que se inspirava em ícones do teatro, do cinema e da música, como Carmem Miranda, Gina Lollobrigida, Rita Hayworth e Marilyn Monroe numa época em que as drags cantavam à capela. Miss Biá ganhou fama e respeito com seus shows em boates da região da Boca do Lixo. Ele se apresentava inclusive em danceterias chiques para casais héteros. (O explorador, 2020)

Outras referências para a construção de falas presentes no texto foi a humorista e drag queen Silvetty Montilla, que faz seus shows em casas noturnas sendo muito conhecida aqui no Brasil, com a maior parte dos seus shows concentrados na noite paulistana, mas que acompanho a um bom tempo, sou muito fã e não poderia deixar de trazer aspectos e falas que remetesse a essa artista tão relevante e acima de tudo brasileira, para este trabalho.

3.1 OS ENSAIOS

O local de ensaios ficou definido que seria em uma sala de aula do Campus de São Cristóvão da UFS. Assim, foi reservada a sala 14 da Didática V. Desde o primeiro ensaio, a professora orientadora e diretora Olívia Camboim solicitou que eu levasse elementos que fizessem parte do figurino ou do universo da personagem, já batizada com o nome de Iolanda.

Houve uma atividade na qual me fez encontrar essa personagem, e por incrível que pareça, já no primeiro ensaio. Levei os sapatos da personagem e a diretora do processo me sugeriu que eu saísse da sala com os sapatos nas mãos e quando retornasse para a sala com os pés calçados, que eu entrasse em cena com a personagem. Foi bem construtivo no sentido de fazer essa busca de como o meu corpo se comporta quando estou de salto e sobretudo como essa personagem caminhava em cena. A cada ensaio eu chegava mais próximo dessa

¹² Segundo o site Uol “O reality show de competição *Rupaul's Drag Race*, foi criado e apresentado - até os dias atuais - por RuPaul Charles, que também é considerado “Mãe das Drags”, tendo sua estreia nos Estados Unidos em 2 de fevereiro de 2009, no canal Logo TV”. (Uol,2023)

personagem, seja em alguma característica física, através do uso de maquiagens e sapatos, até a busca por gestos, voz da personagem Iolanda.

Figura 1 - Ensaio de *Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por Arte*



Foto: Olívia Camboim, 31/07/2024.

É preciso dizer que, no início do processo, ensaiei sozinho com a diretora; pois ainda estava fazendo alguns convites para os outros personagens. Nessa primeira fase, eu trabalhava na construção de minha personagem e a diretora lia as falas dos demais personagens e, conseqüentemente, já idealizávamos as intenções e possíveis ações.

Apesar da sala estar reservada para o nosso trabalho, na maioria das vezes, tinham pessoas dentro da sala, estudantes de outros cursos, carregando o celular, conversando, estudando ou apenas esperando o próximo horário de aula. Assim, como um ritual, quando eu chegava, informava a esses estudantes que iríamos ter ensaio naquele local e pedia que eles nos dessem licença. Em algumas ocasiões, eles foram convidados a acompanhar o ensaio, mas, na maioria das vezes, eles se retiravam da sala. Mas, no dia 30 de agosto de 2024 (Figura 2), três estudantes que estavam ali presentes resolveram assistir o ensaio. Esta foi a primeira vez que encenei com a personagem na presença de pessoas que não estavam dentro do elenco ou da direção e o desfecho desse acontecimento foi bastante construtivo. Realizamos o ensaio na

presença delas, duas delas assistiam de fato, enquanto a terceira apenas olhava no celular. Ao final do ensaio a professora e diretora Olívia Camboim esclareceu para as estudantes do que se tratava o trabalho e pediu a opinião das meninas, estudantes de Letras/Espanhol. Os comentários das duas espectadoras atentas foram muito construtivos e incentivadores. Elas, além de nos parabenizarem e elogiarem o texto e a atuação, destacaram a importância, para elas enquanto estudantes de licenciatura, refletirem sobre esse assunto. Essa troca com as espectadoras desse ensaio aberto foi muito significativa acerca de assuntos que envolvem o contexto educacional e que por muitas vezes são podados pela gestão escolar e uma tradição que na maioria das vezes esquece que o contexto escolar precisa estar preparado para a diversidade.

Figura 2 - Ensaio aberto



Foto: Olívia Camboim, 30/08/2024

Mesmo com os ensaios acontecendo dentro das salas de aulas, em alguns momentos ensaiamos no Auditório da Didática V (Figura 3); sobretudo, quando vislumbramos a possibilidade da apresentação na Mostra Trapiche do Departamento de Teatro. Esse evento, realizado sob a coordenação de um(a) professor(a) do DTE e coordenação adjunta de um(a) estudante, contempla os trabalhos que foram desenvolvidos no decorrer do semestre letivo em curso.

Figura 3 -Ensaio no Auditório da Didática V



Da esquerda para a direita Sane Amor, Marcelo Brazil, Daniel Amaral e Marcos Vinícius.
Foto: Olívia Camboim, 21/08/2024.

No caso da Mostra Trapiche de 2024.1, foi realizada entre 04 e 11 de outubro de 2024, sob coordenação da Prof.^a Dra. Márcia Baltazar e do estudante Thiago Menezes. Considerando que já estávamos com a peça teatral levantada, incentivados pela orientadora e diretora Olívia Camboim, inscrevemos o experimento na programação da Mostra Trapiche e estreamos (Figura 4) no dia 09 de outubro de 2024, quarta-feira, no Auditório da Didática V, por volta das 18h00min.

Figura 4 - Foto da estreia



Na imagem, a personagem professora e drag queen Iolanda em cena, interpretada por Danniell Amaral.
Foto: Christine Arndt de Santana, 09/10/2024.

4. A CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA

A construção da dramaturgia se deu a partir de questões e inquietações que fui lidando durante a minha caminhada na universidade. “Atravessar com que restou” para mim, soa como permanecer acreditando no poder das minhas escolhas enquanto futuro professor-artista. Dentro da dramaturgia que desenvolvi trouxe problemáticas acerca da atuação profissional de um professor-artista, que comecei a perceber através de uma disciplina que cursei na Universidade intitulada “Estrutura e funcionamento do Ensino” que com o assunto de “Novo Ensino Médio” que vez ou outra surgia dentro das aulas, me fez questionar o destino das artes dentro do contexto escolar, levando em consideração os novos parâmetros curriculares que na época esse projeto discutia a implementação.

Falar sobre o ensino técnico dentro das escolas desconsiderando o papel fundamental que a Arte tem na formação do indivíduo me deixou muito inquieto e comecei neste momento a pensar possibilidades de outra formação que tivesse o campo de trabalho menos “sucateado”. É claro que diante de uma gestão de direita no país, as linguagens artísticas passaram para segundo plano no contexto educacional, tendo em vista que a direita não deseja a formação de um senso crítico dentro das salas de aulas. Segundo o Ministério da Educação, no que se refere ao “Novo Ensino Médio, diz que:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) sofreu alterações a partir da promulgação da lei nº 13.415/2017, no qual determinou algumas mudanças na estrutura do ensino médio, como: aumento no tempo mínimo dos educandos na escola de 800 horas para 1000 horas anuais até o ano de 2022 e estabelecendo uma nova organização curricular mais flexível, que engloba a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os itinerários formativos com enfoque nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional (Brasil, 2018).

Outro fator que me orientou a trazer questões abordadas no texto foi a forma com a qual os itinerários presentes da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) nos informa sobre o caráter cultural dentro do preenchimento das disciplinas do contexto escolar e segundo eles, é necessário definir através dos itinerários, os aspectos culturais sendo necessário estudar a realidade de cada região a fim de implementar esse caráter dentro das ementas das disciplinas. Mas nada se falava, por exemplo, sobre o ensino das diferentes artes, ou onde elas se aplicavam com o novo ensino médio, em que a arte já deixava de ser uma disciplina obrigatória.

Somado a isso, vamos percebendo que o ensino da arte passa por um retrocesso, levando em consideração que, frente aos itinerários formativos, a arte deixa de ser um uma disciplina sistematizada, e passa a fazer parte do que o novo Ensino médio vai chamar de “componentes

curriculares”, ficando a educação artística dentro dos componentes “Linguagens e suas tecnologias” juntamente com educação física, língua portuguesa e língua inglesa. No que diz respeito à carga horária obrigatória de formação geral básica e os itinerários formativos, a BNCC nos informa sobre a “autonomia” dos alunos escolherem entre a formação técnica entre os temas “projeto de vida”, “pensamento computacional” e educação financeira”. Na primeira série ficam com 800 horas de formação básica e 200 horas de itinerários formativos, que vai diminuindo até chegar na terceira série com 400 horas de formação geral básica e 600 horas para os itinerários formativos. Neste sentido, pensando a artes dentro dos componentes curriculares “linguagens e suas tecnologias” definidos pela BNCC, nos diz que:

[...] o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, contribuindo para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções (BRASIL, 2018, p. 489).

Claro, que com todas essas questões, após ver que a BNCC junto a LDB nos informam sobre a composição de algumas linguagens dentro dos componentes curriculares, mesmo tirando as “Artes” ou a “Educação Artística”, enquanto disciplina sistematizada, cheguei ao ponto central do meu processo de criação artística que é uma professora drag queen numa sala de aula, desafiando normas de comportamento, definição do saber e sobretudo uma professora de artes frente a esse problema de invisibilidade das disciplinas de artes no contexto educacional.

Além da inquietação acerca dos destinos das artes no novo Ensino Médio, a construção da dramaturgia se deu também a partir de duas vivências que os componentes curriculares da Universidade me proporcionaram. Um deles foi o primeiro estágio realizado por mim, em um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) localizado em uma pequena cidade no interior de Sergipe, que diante dos alunos com uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, frequentavam a instituição para realizar atividades de lazer e apoio pedagógico extraescolar. Neste estágio tive um contato com um educador social que levava suas crenças religiosas para a instituição para dentro do planejamento de suas aulas, e aquilo me incomodava muito, pensando que dentro daquele contexto laico, não cabia o discurso religioso, e sobretudo a intolerância religiosa que ele apresentava quando ilustrava suas aulas com fotos e vídeos de outras religiões diferentes da dele, como uma forma de comentar que a sua religião era “a melhor”. Outro fator que me ocorreu neste primeiro estágio curricular obrigatório da UFS, foi a falta de atenção dos alunos nas minhas aulas, e a ausência dos alunos, visto que cheguei a dar

aula apenas para quatro alunos. Na maioria das vezes eu precisava recorrer a supervisora técnica para orientar os alunos a participarem das minhas aulas. Eu ficava me questionando a falta de atenção dos alunos e a pressa que eles apresentavam no horário da merenda que o CRAS fornecia para os alunos. Houve um momento que a supervisora técnica e professora da instituição me informou sobre as dificuldades dos alunos, devido a situação vulnerável que eles se encontram, que muitas vezes iam ao CRAS por conta da merenda e não necessariamente pelas aulas. O depoimento da professora me fez refletir muito desde então, e sempre que volto para dar aulas em instituições de ensino formais ou informais, instantaneamente tenho esse olhar para com os alunos. Muitas das vezes a estratégia utilizada pelos educadores do CRAS, era segurar (no sentido do horário de fornecimento das merendas) para garantir a presença e participação dos alunos nos planejamentos dos professores.

Na dramaturgia que escrevi, tentei trazer isso no desabafo da professora que se preocupa em garantir que os alunos permaneçam na aula dela. Diante de algumas interrupções causadas pelos profissionais que entram na sua aula com o objetivo de desestabilizar a mesma e antes do seu desabafo final da cena diz “Por favor fiquem, vai ter doce no final”, esse momento é uma referência a este estágio que levei pra vida e me fez pensar sobre o papel do professor diante das dificuldades enfrentadas na sua jornada pedagógica.

Outro momento que considero muito importante, que me possibilitou a autonomia de escrever uma dramaturgia, foi a experiência com o Estágio Supervisionado II, sob orientação da professora Olívia Camboim, realizado no CODAP (Colégio de Aplicação da UFS), localizado no Campus de São Cristóvão. Neste estágio, tive a oportunidade de trabalhar no levantamento de um musical que homenageou um músico chamado Maestro Bochecha, que a pesquisadora e professora de música da escola Thais Rabelo organizava. Dos elementos de criação, como música e teatro que vieram a compor o musical, fiquei responsável pela preparação do elenco e criação da dramaturgia. Houve uma cobrança constante para a criação da dramaturgia desde o começo dos ensaios, mesmo quando eu estava no processo de criação e preparação do elenco que me fizeram criar a dramaturgia em uma noite. Sempre fiz rascunhos de roteiros de peças teatrais, mas nunca havia mostrado a ninguém esses rabiscos, mas quando mostrei essa dramaturgia para os envolvidos do projeto do musical, obtive muitos elogios acerca do texto e das ideias de cena, figurino e cenografia. Esse acontecimento, sem dúvida, me levou a acreditar no meu potencial de escrever roteiros e sobretudo desenvolver a dramaturgia para o memorial descritivo do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Na dramaturgia criada por mim, para as cenas acontecem como uma metodologia de aula espetáculo, tendo em vista que os “alunos” são os espectadores, e a professora traz a sua

aula, criando um diálogo com esses alunos que estão na plateia, pensando o público do espetáculo, como os alunos do conteúdo que essa professora personagem aborda em cena. O método de aula espetáculo foi muito utilizado pelo autor Ariano Suassuna (1927-2014), esse método permite que uma cena teatral aconteça como forma de aula, trazendo um caráter pedagógico e artístico para a cena que permite a discussão sobre arte, cultura e literatura. Até que ponto podemos definir o que é ou não arte? Quais aspectos preciso definir dentro da ementa da disciplina? Foi através de perguntas como essas que passei a construir a dramaturgia (em forma de aula espetáculo) que trouxesse essas questões de forma política e provocativa.

4.1 Texto *Atravesse com o que restou: o silêncio ecoa por arte*

Atravesse com o que restou

O silêncio ecoa por ARTE

A cena se passa em uma sala de aula “Convencional”, com algumas adaptações para a realização das aulas, tendo em vista que a escola não possui sala para prática de atividades artísticas. Os alunos são os espectadores, que aguardam a chegada da professora Iolanda que de repente...

FESSORA IOIÔ - Hello, guys...

Hummm.. vejo que temos novidades por aqui (*olhando para um pequeno palco montado no centro da sala*) Me parece que depois de muita insistência, eles resolveram atender ao pedido da “Professora estranha” (*Gesticula fazendo as aspas com os dedos das mãos*)

Enfim... Vejo também alguns NOVATOS (*fala em voz alta mexendo os ombros*)

Para quem não me conhece, me chamo Iolanda, mas podem me chamar de “Fessora Ioiô”, como os veteranos carinhosamente me chamam. Sou formada em artes pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) e futura aluna do mestrado em Artes Cênicas da UFS (Universidade Federal de Sergipe), Aloka, ouvi boatos que vão abrir em breve.

Pois bem... Como vocês podem ver em algum local nesta tela...Vamos continuar com o assunto que não terminamos na aula passada (*Se direcionando ao computador onde estão os*

slides) os novatos que não estavam presentes, irei disponibilizar os conteúdos por e-mail até a revisão para a avaliação.

Neste momento, a professora faz alguns ajustes para começar a aula expositiva via slide no quadro da sala.

FESSORA IOIÔ - “A relação da Xuxa na cena drag queen”. Esse é meu assunto favorito! Vocês lembram que já falei em uma das nossas aulas que a Xuxa Meneghel, by Maria da Graça, como é o nome da artista, sempre esteve envolvida com a arte drag? Pois é... eu era uma bixinha da Xuxa e já me espelhava nos figurinos, músicas e maquiagens. É uma pena que eu não tenho fotos, para mostrar a vocês.

Como vocês podem ver nessas fotos, tudo que diz respeito a maquiagem, figurino e até mesmo as perucas, nos confirmam que a Xuxa sempre fez/foi/é “drag queen”. Nesta foto, por exemplo, a maquiagem e figurino são bem exagerados. É ou não uma drag? Salve nossa rainha Morgana Sayonara.

De repente alguém bate na porta, interrompendo a aula da professora.

EVARISTO - Bom dia, professora

FESSORA IOIÔ - Bom dia..

O coordenador pedagógico empurra a porta devagar e já vai entrando na sala.

EVARISTO - Com licença, eu preciso fiscalizar algumas instalações, vou ser bem rápido. Enquanto isso pode prosseguir com a sua aula.

A professora com uma cara de deboche retorna para o quadro. Rapaz se direciona até a mesa da professora e olha a mesa com os materiais que estão na mesa.

FESSORA IOIÔ - Como eu estava dizendo...

A arte drag é muito ampla, e não necessariamente somente homens podem performar ou se vestir drag queen...

Temos aqui um exemplo de outra artista que tem relação com a arte drag queen, que é a saudosa Elke Maravilha, de quem particularmente sou muito fã. A Elke sempre fez essa confusão através da sua arte, seja pelas maquiagens extravagantes, cabelos de várias cores e figurinos exóticos, que levaram inclusive a questões de achismos relacionados a seu gênero. Mas ela é uma mulher? o que ela faz?

A professora volta a atenção para o supervisor que já está ali na sala por um tempo...

Vou fingir que não estou percebendo essa sua “fiscalização” (*Faz gestos semelhante às aspas com os dedos das mãos*) E vou logo dizendo que estou farta dessas visitas corriqueiras nas minhas aulas. Da última vez fui chamada na direção e me questionaram até pelo meu plano de fundo do computador. Me acusaram de implementação de política partidária dentro da sala de aula. Só porque tinha uma estrela com o número 13 no computador de **USO PESSOAL** (*Fala com uma voz grave*)

EVARISTO - Keké isso Iôô? Estou apenas fazendo o meu trabalho...

FESSORA IOIÔ - Unrun... Eu também estou tentando fazer o meu! E pra você é Iolanda! (*Gesticula com o dedo pra cima enquanto olha para o coordenador de baixo para cima*)

Neste momento o rapaz se contém e começa a fazer algumas anotações, a professora que já demonstra uma enorme falta de paciência dispara...

FESSORA IOIÔ - Já terminou sua confiscação?

EVARISTO - Sim, Sim! Muito Obrigado professora Iolanda, até mais. (*O coordenador começa a se retirar da sala*)

FESSORA IOIÔ - Até loguinho!!!

CA... Cavalos Marinhos (*A professora canta em tom da letra da música de legião urbana “vento no litoral” e faz gestos com as mãos tentando conter o stress que acabara de passar*)

Retomando a nossa aula, se é que é possível seguir uma linha de raciocínio depois de tanta energia pesada. (*voltando para o slide exposto no quadro branco da sala*)

FESSORA IOIÔ - Mas professora, o que seria uma expressão artística de gênero? E o que diferencia uma drag queen de uma mulher trans, por exemplo?

Essa é uma questão que sempre trago respostas nas minhas aulas, e aqui eu resolvi ilustrar com essas fotos aqui.. Vejam... Temos aqui um artista dando a vida a uma persona drag, que é a Rita Von Hunty, que o Guilherme performa. Ele se veste drag para dar suas aulas, fazer seus vídeos no youtube, mas no seu dia a dia, na sua vida social, ele é o Guilherme, um homem cis. Agora vejamos aqui essas duas imagens, de um lado nossa deputada Erika Hilton atual deputada do Brasil e do outro lado a Priscila ou como a maioria conhece, a Pepita. Ambas são mulheres transgênero e exercem um papel social que vai além de uma expressão artística de gênero, como é o caso das drag queens, visto que elas são mulheres no seu dia a dia. Inclusive precisam lutar muito para ter os seus direitos garantidos que vão desde o nome social, até o direito de ser mãe neste país, como é o caso da nossa Pepita.

Neste momento a professora é interrompida mais uma vez por alguém batendo na porta. Iolanda vai até a porta e em seguida, informa aos alunos que alguém precisa fazer um comunicado.

DIREÇÃO- Olá, turma. Estamos passando pra informar que estão abertas as inscrições para o ensino técnico. Os interessados devem ir até a direção para preencher a lista da turma que desejar. Os alunos que se interessarem deixarão as aulas de educação artística e ficarão com a carga horária do ensino profissionalizante. Me dá licença aqui professora *(O rapaz tira os slides do quadro, e o supervisor que está ao lado se direciona para colar um “comunicado” no quadro)* Enquanto às aulas de artes, permanecerão de acordo com as demandas, e o professor... professora... *(o rapaz não lembra o nome e olha para a professora)*

A professora responde

FESSORA IOIÔ - IOLANDA

DIREÇÃO- Desculpe... A professora Iolanda preencherá a carga horária com outras disciplinas, que vocês podem encontrá-la de acordo com a grade de disciplina de vocês. No mais é isso, qualquer dúvida estamos à disposição na sala de apoio pedagógico. Ahh.. vamos tirar uma selfie. *(olhando para o supervisor que está logo atrás ajustando uma bandeira do Brasil no quadro)* Essa vai para o ministério da educação... *(O diretor puxa a professora para a selfie)* digam X...

Obrigado, Professora. *(Os rapazes saem da sala)*

FESSORA IOIÔ - Quantos minutos ainda temos? deixa eu ver (*Professora olha para o relógio para checar quantos minutos de aula ainda faltam*) Bom, nos restam alguns minutinhos, e o que eu posso dizer, além de que estou cansada? Ser professor artista não é nada fácil, mas por favor fiquem... *Vai ter doce no final!*

Neste momento a professora começa a falar um recorte da música de Elza Soares "Exú nas escolas".

FESSORA IOIÔ - *Parafraseando a Rainha Majestosa Elza Soares...* "Estou vivendo como um mero mortal profissional. Percebendo que às vezes não dá pra ser didático. Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das crenças limitantes.

Mesmo pisando firme em chão de giz, de dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética e uma ótica, presa em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas e contadas só por quem vence.

Pois acredito que até o próprio Cristo era um pouco mais crítico em relação a tudo isso.

E o que as crianças estão pensando?

Quais são os recados que as baleias têm para dar a nós seres humanos, antes que o mar vire uma gosma?

Cuide bem do seu Tcheru

Na aula de hoje veremos Exu!

Voando em tsuru

As escolas se transformaram em centros ecumênicos!

Exu te ama e ele também está com fome. Porque as merendas foram desviadas novamente.

Num país laico, temos a imagem de César na cédula e um "Deus seja louvado"

Se Jesus Cristo tivesse morrido nos dias de hoje com ética, em toda casa, ao invés de uma cruz, teria uma cadeira elétrica".

A Professora vai para o centro da sala onde tem um microfone e começa a dublar a música "o que se cala" da Elza Soares.

O QUE SE CALA
Elza Soares

Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala

O meu país
É meu lugar de fala
Pra que separar?
Pra que desunir?
Por que só gritar?

Por que nunca ouvir?
Pra que enganar?
Pra que reprimir?
Por que humilhar?
E tanto mentir?
Pra que negar
Que o ódio é que te abala?
O meu país
É meu lugar de fala
O meu país...
Mil nações
Moldaram minha minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala
O meu país
É meu lugar de fala
Pra que explorar?
Pra que destruir?
Por que obrigar?
Por que coagir? Pra que abusar?
Pra que iludir?
E violentar
Pra nos oprimir?
Pra que sujar o chão da própria sala?
Nosso país
Nosso lugar de fala
O meu país
É meu lugar de fala
Nosso país
Nosso lugar de fala
Nosso país
Nosso lugar de fala

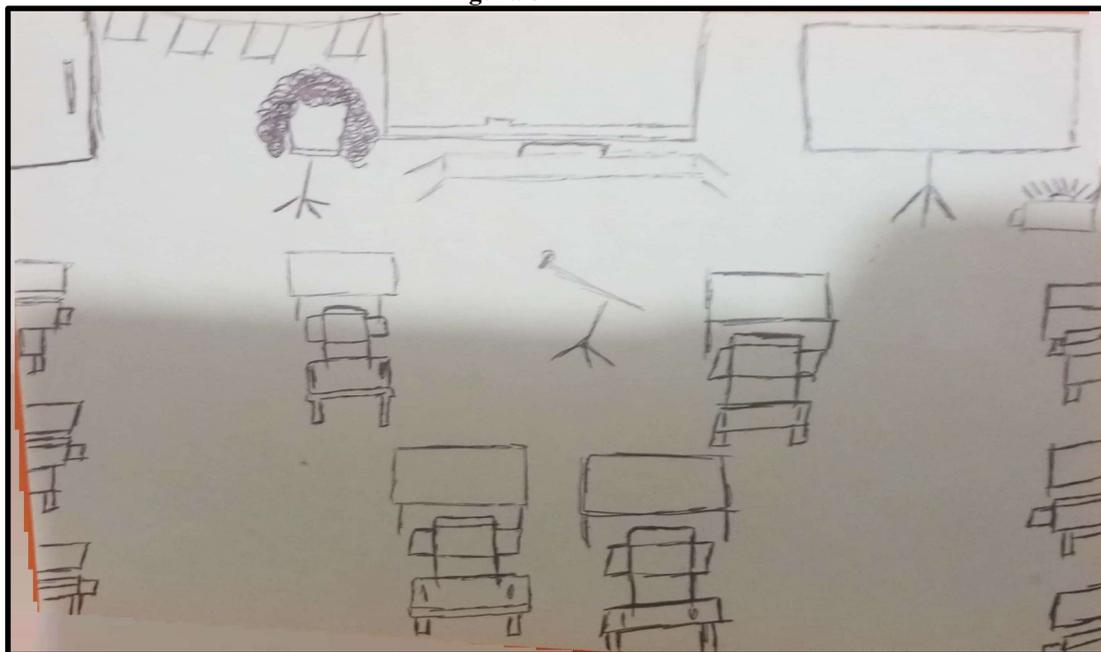
FESSORA IOIÔ - Próxima aula teremos revisão para a primeira avaliação, e não esqueçam, vai ter doce no final. Beijos, até semana que vem.

FIM

5. CENOGRAFIA

Como a cena se passa dentro da escola, inicialmente, pensei o cenário (Figura 5) dentro de uma sala de aula convencional, onde a personagem professora entra em mais um dia de trabalho, fazendo os espectadores “alunos” e buscando a interação com eles. Dentro do texto, rubrica inicial, já denuncia que é uma sala de aula tradicional, e quis trazer questões de falta de infraestrutura que os professores de artes enfrentam dentro das escolas públicas.

Figura 5 - Desenho do cenário



Fonte: O autor, 2024.

Com o lugar físico do cenário definido, fui em busca de uma sala de aula dentro da universidade para a realização dos ensaios, que depois de definida fomos pensando em trazer aspectos e elementos que esclarecessem aos espectadores que se tratava de uma sala de aula de Arte. Para isso, construí um cartaz com imagens da Elke Maravilha, a fim de trazer esse material como parte do cenário. A professora Olívia disponibilizou ainda maquetes, caixas de teatro e o painel de máscaras confeccionadas pelos estudantes das turmas 1 e 2 de Teatro de Animação I (2024.1) para fazer parte do cenário.

Com a sala de aula, só modifiquei a disposição do mobiliário, tirando algumas cadeiras para que as personagens pudessem andar pelo espaço (Figura 6), especialmente, para que a Professora Ioiô pudesse caminhar enquanto dava sua aula e para montar o pedestal com o microfone no centro da sala. No canto direito, onde fica o quadro que projeta os slides, também surgiu como uma ideia para montar esse palco, a fim de aproveitar a iluminação do

equipamento de data show para trazer a iluminação da cena final. Mas, continuei gostando da ideia do microfone ficar no centro da sala. Ao lado da porta da entrada da esquerda para a direita temos o que seria a ilustração desses materiais “criados” pelos alunos e expostos dentro da sala de aula de educação artística, e um porta perucas que fica ao lado da mesa da professora, que coloquei como ponto de destaque para entender que se trata de uma professora e drag queen.

Figura 6 - Espaço cênico



Da esquerda para a direita os atores Sane Amor e Danniell Amaral.
Foto: Olívia Camboim, 2024

5.1 MAQUIAGEM E CARACTERIZAÇÃO

Pensar na maquiagem e na caracterização de uma drag queen sempre foi o maior desafio, depois da dificuldade de encontrar sapatos que coubessem nos meus pés - tamanho 44. Mas, ao invés de me apegar às impossibilidades, comecei as tentativas de experimentos que eu também poderia fazer, até mesmo na construção dessa personagem, conhecendo, sobretudo, pontos específicos do meu rosto que poderiam favorecer as características da personagem. Falando dos desafios na caracterização, não posso deixar de citar que a ocultação das sobrancelhas na maquiagem de uma drag queen, eu sempre enxerguei como a maior dificuldade de realizar.

Pesquisei diversas vezes como realizar esse procedimento e em alguns vídeos que assisti, vi alguns artistas usando o auxílio do secador de cabelos para a secagem e selagem das sobrancelhas. Nas primeiras tentativas, eu já defini que a minha drag teria sobrancelhas e não

seria necessário as esconder. Isso me fez sentir um pouco frustrado; mas, segui pensando em outros modelos de maquiagens que aproveitassem minhas sobrancelhas com outros truques que não implicassem, necessariamente, deixá-las invisíveis (Figura 7).

Para realizar a ocultação é necessário cola em bastão, corretivo em bastão, base em bastão e pó solto com alta cobertura. Experimentei em casa algumas técnicas de maquiagem e me montei pela primeira vez em casa. O resultado não foi o esperado, mas confesso que acabou sendo divertido realizar exercícios de automaquiagem neste processo de busca pela persona drag queen.

A tentativa inicial de encontrar essa personagem drag, me fez também, perceber que a peruca que eu tinha escolhido talvez não fosse a “cara da personagem” e já pensei em escolher outra peruca que de alguma forma simbólica me trouxesse esse universo da professora. A peruca inicial escolhida por mim era da cor preta, mas o material não permitia fazer penteados ou fazer um volume cacheado que eu queria para a personagem. A construção da personagem me motivou a ir em várias lojinhas de maquiagens e armazinhos, em busca de elementos que trouxessem essa personagem mais “próxima” das minhas idealizações de personagem professora. A Rita Von Hunty usa muitos colares e anéis e eu via minha personagem também com essas bijuterias; então, comecei a frequentar alguns brechós em busca desses elementos para compor a Fessora Iôô.

Na minha visão, pelas drag queens que eu já tinha visto nas boates e pelas vestimentas da Rita, percebi que os figurinos eram sempre monocromáticos. As cores das roupas refletiam nas maquiagens, bolsas e até mesmo nas perucas e na minha idealização, eu também queria construir a minha personagem seguindo essa ideia monocromática de cores.

Depois desse teste de automaquiagem, que me deixou um pouco frustrado por não ter conseguido fazer a ocultação das sobrancelhas e ter criado outra técnica com sombras para o crescimento delas, decidi que iria criar essa caracterização com esses ajustes, sem ocultá-las. Mas, durante os ensaios que aconteciam às quartas e às sextas-feiras, a professora Olívia Camboim me apresentou dois projetos sob sua coordenação, o projeto de Pesquisa Tecnológica Maquiagem artística para iniciantes: um e-book educacional interativo (Edital INOVEEDU nº 12/2024 AGITTE/POSGRAP/PROGRAD) e o projeto de Pesquisa Científica Maquiagem artística: convergências e divergências entre as maquiagens cinematográficas e teatrais (Edital PIBIC Nº 04/2024/COPES/POSGRAP/UFS), e me convidou para integrar o E-book que está sendo elaborado com a maquiagem da professora Iolanda. Claro que topei com muito entusiasmo, e marcamos uma sexta-feira, para a realização da maquiagem da personagem. Os

projetos contam com duas alunas bolsistas remuneradas do curso de Teatro da UFS, Amanda Pinto Pereira Correia e Nicolly Brasil Souza Gomes. Assim, elas estiveram presentes em nosso encontro de 13 de setembro de 2024 para realizar a minha maquiagem sob orientação da professora Olívia Camboim.

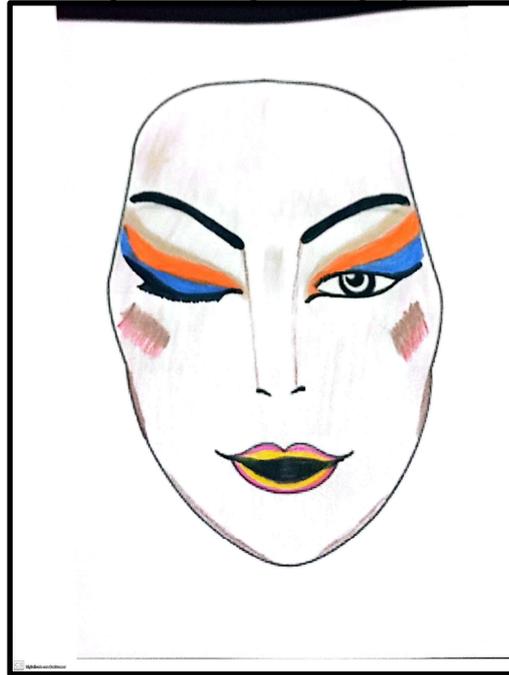
Figura 7 - Primeiro teste de maquiagem



Fonte: O autor, 2024.

Cada aluna ficou responsável por uma parte do meu rosto e juntos descobrimos a maquiagem da Fessora Ioiô (Figura 11). Esse exercício me trouxe outras possibilidades de maquiagens e já pensei em outras ideias para criar a maquiagem e a caracterização da personagem. Nesta atividade com as meninas, cheguei à conclusão de que a paleta de cores da maquiagem da personagem seria azul e laranja (Figura 8), que são cores que se complementam no círculo cromático (Figura 9), e cheguei a essa descoberta através de uma saia que a professora Olívia levou, para que eu pudesse utilizar como parte do figurino da personagem; aliás, eu achei aquela saia a “cara” de uma professora de Arte.

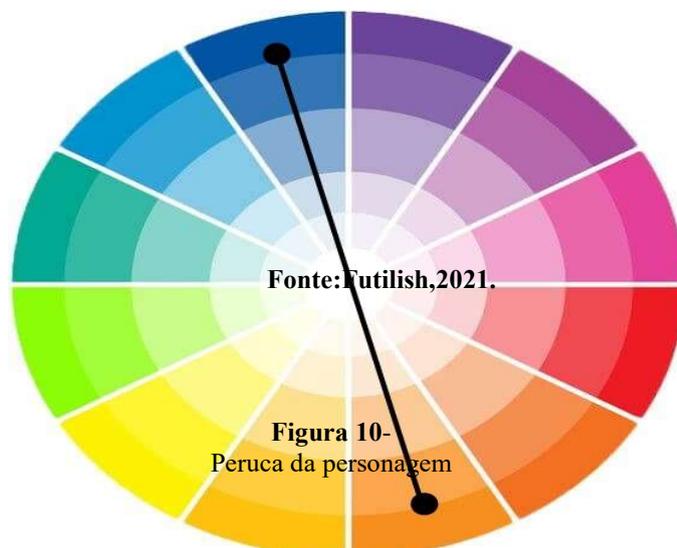
Figura 8 - Croqui de Maquiagem



Fonte: O Autor, 2024.

Os materiais utilizados para a realização da maquiagem são: base de alta cobertura em bastão, corretivo em bastão, cola em bastão, contornos, corretivo laranja para amenizar as partes da barba, blush, pó solto e pó compacto de alta cobertura, sombras laranja, azul e branca, batom dourado, cílios postiços e rímel e lápis preto. A peruca, como falei anteriormente, não estava favorecendo algumas características que eu tinha idealizado para a personagem (Figura 7) o que me fez comprar uma outra peruca (Figura 10) com um material melhor e sobretudo com o volume de cachos que eu queria para a personagem

Figura 9 - O círculo cromático



Fonte: Futilish, 2021.

**Figura 10-
Peruca da personagem**



Fonte: O autor, 2024.

Figura 11 – Segundo teste de maquiagem



Foto: Olívia Camboim, 13/09/2024.

5.2. FIGURINO

Pensar no figurino tendo a Rita Von Hunty, que eu acompanho há um bom tempo, como referência e já sabendo que a indumentária da persona é inspirada nas décadas de 1950 e 1970, esclareceu muito sobre a estética de figurino que eu queria para a minha persona drag. Saias longas, perucas curtas ou volumosas já estavam na minha mente antes mesmo de pensar na professora Iolanda. A revista Cláudia sobre a Rita Von Hunty diz que: “Com figurino que

lembra a moda das décadas de 1950 a 1970, Rita oferece aulas-cápsula espirituosas sobre debates contemporâneos (e possivelmente tensos), como monogamia, consciência de classe e discursos de ódio “(Claudia, 2020).

Como eu já tinha uma saia com uma estampa escocesa (Figura 1) que foi construída na disciplina de indumentária teatral na Universidade, inicialmente iria aproveitar a peça de roupa para compor o figurino da personagem; mas no decorrer dos ensaios, principalmente depois dos exercícios de maquiagem, tomei a decisão de ir em busca de outra saia, que no início foi uma saia azul com detalhes laranjas que a professora Olívia havia me emprestado.

Nas minhas idas aos brechós de Aracaju, que aconteceram com muita frequência durante esse período de construção da personagem, encontrei um vestido de formatura azul, que ao vê-lo, pensei em cortar a parte superior e transformar em uma saia. Assim eu fiz, levei o vestido na costureira que me mostrou com pena de cortar um vestido tão bonito, mas que entendeu que a proposta era para uma personagem e que eu estava disposto a “destruí-lo” para fazer a saia.

Com a paleta de cores do figurino, pensei que seria mais fácil encontrar essas peças, mas confesso que quando estava à procura de um modelo específico de roupas dificultou ainda mais o processo, tendo em vista que eu estava indo aos brechós em busca de peças que além da cor e modelo que eu idealizava, eu precisava contar com sorte de encontrar um tamanho que coubesse em mim.

Para Muniz, no que diz respeito a elaboração do figurino de um personagem,

Quando começa a elaborar uma personagem, o ator se sente nu diante daquele ser que deverá interpretar. E além de suas falas, das indicações do diretor e da relação sensível com a malha de emoções que envolve o seu papel, o ator conta com o figurino como grande pista material de quem é o outro que ele será no palco (Muniz, 2004, p.44)

Entre essas visitas aos brechós, em busca de uma blusa laranja de mangas “bufantes”, quando eu já estava desistindo da busca e optando por outros modelos, aconteceu que encontrei a blusa, exatamente como eu tinha idealizado, e melhor ainda, com o tamanho correto. A felicidade foi tão grande que eu dei um grito quando encontrei aquela blusa. Foi um misto de alegria e cansaço que me deu um grande alívio ao pensar que a Iolanda estava prestes a nascer e entrar na sua sala de aula com a personalidade que eu idealizei.

Depois do figurino definido (Figura 11), continuei buscando adereços para complementar a paleta de cores da personagem, já definida com laranja e azul e diferente das roupas que tive a sorte de encontrar nos brechós. Com as bijuterias eu não obtive o

mesmo sucesso nessas buscas. Então fui em uma loja comum em busca de brincos, pulseiras e colares que estivessem dentro da cartela de cor definida. A essa altura eu já estava tão familiarizado com a personagem, que conseguia definir quais bijuterias eram a cara da personagem e corri dali para que não começasse a comprar além do que o necessário para a estreia da professora na sua aula “babadeira”.

Figura 12 – Croqui do figurino



Fonte: O autor, 2024.

O figurino ficou composto por uma blusa de tecido laranja, saia azul de tecido forrado, meias 3x4 bege, colar azul, pulseiras azuis, brincos laranja e sapato scarpin preto.

Figura 13 - Cartaz



Fonte: Flavinha Araújo, 2024.

Para elaboração do cartaz, foi utilizado o aplicativo *Canva*¹³. Como eu não tenho muito domínio do uso de tecnologias, apresentei a minha ideia para uma colega chamada Flavinha Araújo que se prontificou a fazer o cartaz e o resultado foi esse acima, que eu

¹³ Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 18/10/2024.

adorei e ficou igualzinho como eu tinha idealizado. Ao final só pensei que a sinopse poderia ser em outro cartaz, mas como a estreia se aproximava, resolvi permanecer com o cartaz nesta configuração.

5.3 ASPECTOS VISUAIS E SONOROS

Para definir os aspectos visuais e sonoros, primeiro eu precisei definir qual a atmosfera que contribuiria para que os alunos/espectadores entendessem que aquela professora era uma drag queen. Então, busquei trazer um aspecto que além de visual e sonoro, trouxesse um momento característico de uma drag queen. Assim, pensei na dublagem dessa drag em um pequeno palco montado dentro da sala de aula. Desde o momento que construí a dramaturgia, eu queria brincar e provocar esse imaginário acerca de uma drag queen na sala de aula, sem deixar as características e a atmosfera que essa artista está inserida nas casas de shows e apresentações. Quando observamos as drag queens em casas noturnas, percebemos que, muitas vezes, elas dublam divas pops; muitas das vezes, fazendo covers que as aproximam de alguma referência da música, e, a partir dessas caracterizações, realizam o chamado *lip sync*¹⁴ que é um conceito americanizado para se referir ao ato de dublagem que essas artistas realizam nos palcos das boates. Para o blog Cidesp,

Este termo, popularizado na cultura pop, especialmente através de programas de televisão e redes sociais, é mais do que uma simples prática; é uma forma de arte que combina performance e técnica. O lip sync, ou sincronização labial, envolve a imitação da fala ou do canto de alguém, muitas vezes acompanhada por uma coreografia envolvente. (Cidesp, 2024)

Levando em consideração esse ponto forte das personas, e pensando que com este trabalho eu gostaria de provocar o lugar dessas personas e sobretudo trazer a minha persona drag queen para uma sala de aula, essas características mesmo que estereotipadas, poderiam também falar sobre uma drag que está na sala de aula, mas não deixa de ser uma artista, e por isso trouxe esse universo da boate para a cena da personagem.

No centro do cenário, o próprio texto através das rubricas, denuncia um pequeno palco montado no centro da sala, que seria justamente onde a personagem faria essa dublagem. Mas

¹⁴ Termo em inglês comumente utilizado em casas de shows e reality shows, principalmente, no universo das drag queens, que quer dizer “dublagem” de uma música ou fala através da sincronização labial.

e a iluminação? Como eu poderia trazer, dentro de uma sala de aula “convencional” essa iluminação que remetesse a uma casa de show? e foi através do processo criativo durante os ensaios que pensamos, eu e Olívia, na possibilidade de utilizar o projetor de slides que todas as salas da UFS possuem, para trazer essa luz vermelha voltada para esse pedestal que estava naquele palco “improvisado”. A luz vermelha, tivemos a ideia de utilizar uma gelatina, que é uma espécie de plástico colorido, que encaixa na luz do refletor e muda a cor dessa luz. Assim eu defini que esse momento aconteceria no desfecho da cena, momento na qual a personagem se despede do público com uma dublagem.

As músicas escolhidas, tanto aquela que foi dublada ao final das cenas, como também a que faz parte do texto, foram da cantora brasileira Elza Soares (1930-2022) de quem eu sou muito fã, e também sempre pensei que as músicas da Elza, que na sua maioria possuem um teor provocativo e que a artista sempre esteve à frente do tempo no que diz respeito a arte enquanto lugar de fala político que possibilita provocar, questionar e acima de tudo incomodar aqueles que vivem sob o privilégio social e não enxergam os mesmos problemas que minorias enfrentam desde os direitos igualitários até as falas colonizadoras repetidas dentro no Brasil.

As duas músicas escolhidas da artista fazem parte do álbum de estúdio intitulado *Deus é mulher* (2018) que possui duas músicas que fizeram parte da dramaturgia, são elas *Exú nas escolas* e *O que se cala*. A primeira música tem uma parte de Edgar que traz na sua fala a impossibilidade de continuar sendo didático diante do ambiente conservador que as escolas se tornaram, essa parte da música quebra a melodia, e acontece em forma de discurso, fazendo uma quebra na música melódica que a Elza Soares inicia na música, que eu vi como uma oportunidade de trazer esse recorte para dentro da minha dramaturgia como desabafo da personagem que sofre inúmeros boicotes da escola e dos profissionais ali presentes.

Essa quebra na música pode ser associada a ideia das *songs* brechtianas. De acordo com Romano,

As songs - as canções, o terceiro conceito chave escolhido para a apreensão da proposta estético-pedagógica brechtiana - atuam na peça como elemento estranho, ou seja, “perturbam” a continuidade das ações, seja por seu próprio texto, como um comentário ou por meio da melodia, evitando a sonoridade “psicologizante”; pela presença do ator-cantor visível ao espectador; ou pelo modo como essas canções são apresentadas, dirigidas de maneira direta ao espectador (Romano, 2010, p. 33)

Com isso, dentro do roteiro existem dois momentos em que a personagem utiliza dessa proposta estético pedagógica brechtiana, seja na música falada, que traz a quebra da continuidade da sonoridade “psicologizante”, como também no momento que a personagem

então um trecho da música de *Vento no litoral* (1991) da banda Legião Urbana que a canção é apresentada apenas com o trecho “cavalos marinhos...” que a professora canta, buscando um ponto de concentração depois de ser provocada pelas imposições da gestão escolar dentro do seu planejamento pedagógico de ensino.

Alguns aspectos foram alterados, como dito acima no capítulo “Espaço cênico”, devido a alteração do local da apresentação, que foi realizada no dia 09 de outubro de 2024 no auditório da Didática V, que além de ser um espaço maior, mesmo o elenco ter realizado alguns ensaios no local, contamos também com a operação de áudio, imagens e luz do Prof. Dr. Marcelo Brazil (DTE/UFS), e alguns equipamentos do iluminador Denis Leão, que contribuíram muito para os aspectos visuais e sonoros da apresentação do experimento cênico, que fez da travessia artístico pedagógica, um momento de realização pessoal na cena teatral dentro da Universidade.

A vivência com o processo de montagem e sobretudo a apresentação da forma como aconteceu, mesmo vendo o processo artístico como um Trabalho de Conclusão de Curso, diante da construção dos aspectos visuais e sonoros, vi a apresentação com um aspecto “profissional” e sem dúvidas a inscrição dentro da programação do evento “Mostra Trapiche” também contribuiu para essa visão final da apresentação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguir chegar ao fim do processo criativo, tendo em vista a quantidade de impossibilidades que enxerguei no início desse projeto, que se tornou o memorial descritivo, me fortaleceu não só como futuro professor-artista, mas também me faz acreditar que existe possibilidades mesmo quando estamos cabisbaixos e sem norte. Foi através de perguntas e inquietações que comecei a desenvolver esse trabalho e pude colocar em prática muitos dos aprendizados que obtive durante a jornada na universidade, aliado às problemáticas que nortearam a elaboração da dramaturgia, e possibilitaram a construção de um trabalho autoral que pretendo levar para além da universidade, seja em editais de incentivo à cultura, ou até mesmo na docência para vivenciar a drag queen na sala de aula, para além da cena teatral.

Pode-se dizer que no decorrer do trabalho, com as pesquisas que foram realizadas, diversas questões foram surgindo, mas entende-se que para não fugir do tema principal é entender que através da escrita vamos percorrendo outros caminhos e possíveis temas a serem desenvolvidos posteriormente. Percorri um caminho de dúvidas, anseios e incertezas durante a construção desse memorial, mas foi através do fazer teatral e sobretudo da orientação da professora Olívia Camboim, que me vi cada vez mais crente que a arte tem o poder de transformar a sociedade e acima de tudo chegar em dimensões e lugares diversos.

Quero que este trabalho chegue para muitos estudantes, artistas, professores que acreditam que o teatro é um lugar de fala, que possibilita trocas, diálogos e acima de tudo alcança o sensível que está em todos os seres humanos. O experimento cênico que este trabalho desenvolveu é um grito por respostas de um futuro professor artista que frente ao campo de trabalho sucateado, e a falta de entendimento das pessoas sobre a importância que a arte tem nas nossas vidas, seja no âmbito de formação, ou na capacidade de nos tornar seres humanos sensíveis.

Dito isso, atravessar com o que restou, é sobre o impulso que conseguimos ter mesmo quando o cenário não está favorável. Espero que estudantes e professores, principalmente aqueles que pertencem a comunidade LGBTQIAPN+, vejam neste trabalho artístico, uma luz que fortaleça, que vença o ódio, que motive a provocar e ocupar lugares que muitas das vezes não tem representatividades enquanto educadores. Que a arte de modo geral se faça presente dentro da escola, na liberdade de expressão, na luta e resistência por um mundo mais justo e sensível.

7. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Pedro Felipe de Souza. **DRAG QUEEN: História, Arte e Resistência**. Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/bach//files/2016/10/PEDRO-FELIPE-DE-SOUZA-ARRUDA.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da educação. **Novo ensino médio: perguntas e respostas**. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>>. Acesso em: 14 out. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Beatriz. **O Drama como Método de Ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CARTA CAPITAL. Youtube. **Pode um professor ser drag queen?** Conheça Rita Von Hunty. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4x44M45hDyU>>. Acesso em: 10 out. 2024.

CIDESP. **Lip Sync significado: O que é e como funciona?** 20 set 2024. Disponível em <<https://cidesp.com.br/artigo/lip-sync-significado/>> Acesso em 20/10/2024

CLAUDIA. **Conheça Rita von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no YouTube**. 2020. Disponível em: : <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-youtube/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

DRAGLICIOUS. Caravana Das Drags, A caravana do Brasil. 19/04/2023 Disponível em: <<https://draglicious.com.br/2023/04/19/caravana-das-drags-a-caravana-do-brasil/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

FUTILISH. **Combinações do círculo cromático- laranja e azul**. 5 abril 2021. Disponível em: <<https://www.futilish.com/2021/04/combinacoes-do-circulo-cromatico-laranja-e-azul/>> acesso em : 29/10/2024

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENEGHEL, Xuxa. **Memórias**. Rio de Janeiro: Globo livros,2020.

MONTEIRO, Patrick. Xuxa diz que seu nome de drag era sonho da mãe: “Queria que eu fosse Morgana Sayonara”: Xuxa apresenta o reality show Caravana das Drags, do Prime Video, ao lado de Ikaro Kadoshi. Em entrevista exclusiva, ela conta a história por trás do nome escolhido para sua persona drag. **Revista Quem**. 14/04/2023. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/entretenimento/series-e-filmes/noticia/2023/04/xuxa-diz-que-seu-nome-de-drag-era-sonho-da-mae-queria-que-eu-fosse-morgana-sayonara.ghtml>>. Acesso em: 08 nov. 2024.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus: O figurino em cena**. Rio de Janeiro. Senac Rio, 2004.

O EXPLORADOR. **Considerada a primeira Drag Queen do Brasil**. 5 de junho de 2020.

Disponível em: <<https://www.oexplorador.com.br/considerada-a-primeira-drag-queen-do-brasil/>>. Acesso em: 14 out. 2024.

PORTAL POP. **Xuxa se declara drag queen**, “Assumida mesmo”. 09/09/2024. Disponível em: <<https://portalpopmais.com.br/xuxa-se-declara-drag-queen/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

QUEM. **Rita Von Hunty, a drag queen que dá aulas de política**: "Intolerância é enfraquecedora das lutas". 27/06/2020 Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2020/06/rita-von-hunty-drag-queen-que-da-aulas-de-politica-intolerancia-e-enfraquecedora-das-lutas.html/>>. Acesso em 15 out. 2024

RIBEIRO, Icaro Machado. **Criança viada**. Monografia (TCC) - Universidade Federal do Ceará, Instituto Cultura e Arte, Graduação em Comunicação Social. 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/40164/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

ROMANO, Olívia Camboim. **Uma arena no Museu**: reflexões sobre a primeira montagem de Brecht em Santa Catarina. Blumenau: Edifurb, 2010.

SOUZA, Miguel. **"YouTube"**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm/>>. Acesso em 15 out. 2024.

TERRA. **Drag queen**: entenda o que é e se conceito está ligado a questões de gênero. 15/05/2024. Disponível em : <https://www.terra.com.br/nos/drag-queen-entenda-o-que-e-e-se-conceito-esta-ligado-a-questoes-de-genero,eddf26378d17510e272268af3128d057lx82nat8.html?utm_source=clipboard/>. Acesso em 15 out. 2024.

UOL, play. **Guia definitivo de Rupaul's Drag Race!** 28/08/2023 Disponível em: <<https://www.uol.com.br/play/colunas/uol-play/2023/08/28/guia-definitivo-de-rupauls-drag-race.htm/>>. Acesso em 17 out. 2024.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Fátima Bahia**. 09/10/2024. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tima_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tima_(Bahia))>. Acesso em: 15 out. 2024.

WUO, Ana Elvira. **Clown**: "desforma", rito de iniciação e passagem. 2016. 1 recurso online (220 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1630543>>. Acesso em: 8 nov. 2024.